

ANC X

Apesar de você, amanhã há de ser...

JORNAL DE BRASÍLIA

Quarta-Feira - Caderno 2

15 SET 1988

Promulgação da Constituição inaugura novo tempo e passa a faca na censura

O cenário que ocupou ontem o Salão Nobre do Ministério da Justiça parecia o de um filme já visto antes. Ali estavam o ministro Paulo Brossard, o diretor geral do Departamento de Polícia Federal, Romeu Tuma, além de personalidades ligadas à cultura, como o escritor José Louzeiro, o dramaturgo Fernando Peixoto, entre outros. Todos assistiam ao sepultamento das tesouras e proclamavam o fim da censura que, para muita gente, está com os dias contados. Afinal, quando 5 de outubro chegar e com ele a promulgação do novo texto constitucional, será ilegal fazer cortes em obras e espetáculos.

Mas nem a estrela maior da cerimônia, o presidente do Conselho Superior de Censura, ou melhor, do Conselho de Defesa da Liberdade de Criação e Expressão, Fábio Magalhães, empossado na ocasião, se atreveu a tanto. "Frases pomposas afirmando que a censura acabou foram repetidas várias vezes", lembrou, "sendo que para se eliminar esta erva daninha do País não se pode basear apenas num texto constitucional".

Fábio Magalhães se referia à época em que o então ministro Fernando

Lyra, no nascimento da Nova República, comemorou o fim da censura no Teatro Casa Grande no Rio. Lá estavam presentes integrantes da comissão criada por iniciativa de Lyra, como Pompeu de Sousa, Chico Buarque, Ziraldo e outros que, através do anteprojeto elaborado por eles garantiam que a censura tinha acabado. O ministro, porém, se viu acossado por **Je Vous Salue Marie**, de Godard, assistido até hoje apenas em salas clandestinas.

"Para se pôr fim a esta praga, é preciso mais que uma constituição", pois, a seu ver, a censura está impregnada na cultura nacional, que não suporta a transgressão. E, no entanto, "a vida em liberdade exige o convívio com a tolerância", declarou o novo presidente do órgão, garantindo que ele mesmo sempre foi contra a censura. Disse ainda que o fato de estar presidindo o CSC não revela nenhuma incoerência.

Lobby decente

O Conselho sempre foi um órgão de apelação para quem se sentiu prejudicado, frisou, acrescentando que hoje ele é composto por vítimas da censura. "Há representantes da As-

sociação Brasileira de Imprensa do teatro, do cinema, e até gente que fez lobby decente na Constituinte, para que a futura carta eliminasse este vício", declarou, citando o nome de um dos conselheiros, Sérgio Sains, como atuante na Assembléia. Ele representa no CSC o Sindicato dos Artistas do Rio de Janeiro.

Frisou que com novo nome, o Conselho terá também novo conteúdo. Sua função será classificar as obras por idade, idéia aliás, já pregada pelos componentes da comissão de Lyra e que, segundo Fábio Magalhães, foi a base do anteprojeto que os atuais conselheiros criaram para levar ao ministro Brossard. Depois a proposta será enviada ao Congresso e votada durante a lei complementar. "Mas antes disso, cortar qualquer obra já será ilegal", garante.

A outra atribuição do novo conselho será examinar os recursos de que, eventualmente, se sentir lesado quando sua obra for liberada para um público com idade superior a 18 anos. "Somos um órgão de apelação", lembrando que até na época em que a tesoura estava muito bemafiada, o CSC, apesar do nome era

um recurso para os artistas. "Talvez Plínio Marcos tenha sido o mais censurado".

Violência

Com a nova determinação, o censor terá um outro papel a cumprir. "Ou vai ser um agente de classificação ou poderá ser aproveitado, mediante opção, na carreira policial federal do departamento. Disse ainda, que os conselheiros têm ouvido psicanalistas, arte-educadores, pedagogos, e outros profissionais para trabalharem com maior segurança. "Se hoje já se pode votar aos 16 anos, por que, então, não se pode fazer com que o jovem tenha acesso a tipos de informações que, inclusive, o ajudaria a escolher melhor seus representantes?", questiona.

Fábio Magalhães ressaltou que o Conselho deve se preocupar mesmo é com a violência, "que já virou mercadoria, e isso é uma praga maior", afirmou, lembrando que enquanto os socos, pontapés e metralhadoras giratórias invadem as telas, o erotismo e a moral viram notícia. Acalmou os mais puristas, dizendo que o fim da censura não significa anarquia: "É transgredindo que se muda".